

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração dos condomínios do Programa de Arrendamento Residencial em Santa Cruz

Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2007

Meus queridos e queridas companheiras da região oeste do Rio de Janeiro, de Santa Cruz,

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro e sua esposa,

Minha companheira Marisa,

Meu querido companheiro Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Nossos queridos ministros Luiz Dulci e Tarso Genro, que estão aqui me acompanhando,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Deputados federais Alexandre Santos, Jorge Bittar, Simão Sessim,

E deputados estaduais Jorge Babu e Rodrigues Neves,

Meu caro José Domingos, superintendente da Caixa Econômica Federal, em nome de quem quero cumprimentar todos os funcionários da Caixa que estão aqui,

Meu caro Luiz Humberto Côrtes Barros, secretário municipal de Habitação,

Vereadores aqui presentes,

Homens e mulheres beneficiárias do Programa de Arrendamento Residencial – e eu quero dizer da alegria de abraçar a Renata e a Sara aqui, neste momento,

Meus amigos e minhas amigas moradores e moradoras dos Condomínios Matélica, Ravena, Ametista e Topázio,

Eu não vou ler discurso, vou apenas dizer para vocês do prazer, da

alegria, Sérgio, de estar aqui, no Rio de Janeiro, e visitar um conjunto habitacional. Certamente, ainda não é a casa do tamanho que vocês sonham, mas, quando a gente olha para o Brasil inteiro, a gente vê que tem gente muito mais rica do que a gente, mas percebe que a Caixa Econômica Federal melhorou, e muito, nos conjuntos habitacionais. Eu vou sair daqui com uma imagem altamente positiva das condições, do terreno, das áreas de lazer que vocês têm neste Conjunto, que vai permitir às crianças brincar com tranquilidade. Eu vi ali atrás, tem até um campinho de futebol para os vascaínos derrotarem os flamenguistas, ou para os flamenguistas derrotarem os vascaínos, ou para os tricolores derrotarem os botafoguenses, ou para os botafoguenses derrotarem os tricolores. Mas, com um campinho destes, a mãe vai ficar tranqüila em saber que o filho não está em casa porque está no campinho, e tem até área de lazer para as crianças menores brincarem. Quem sabe, daqui a 10 anos, a gente possa estar vendo no jornal que um menino que treinou nesse campinho virou um jogador profissional e está jogando, de preferência, no nosso Vasco, Sérgio Cabral.

Mas, brincadeira à parte, eu sinto, no fundo da minha alma, alegria, e sei por que as duas companheiras – a que falou e a que recebeu a chave – ficaram emocionadas. Eu me casei em 1969 e fui pagar aluguel. Naquele tempo, eu pagava 100 cruzeiros, ou cruzados, de aluguel, e eu achava o dinheiro mais amaldiçoado. Era trabalhar o mês inteiro e chegar no fim do mês, pegar uma parte do meu salário e pagar um aluguel, que eu sabia que não era meu e que eu não ia ter mais retorno. Eu morei um ano e um mês num quarto e cozinha e, quando chovia, a lesma que grudava na parede era do tamanho desta folha de papel aqui, tinha que ficar jogando sal para a lesma sair.

Depois de dois anos, eu comprei minha primeira casinha num bairro chamado Parque Bristol, em São Paulo, um bairro muito pobre, e fui comprar uma casinha na Rua Verão. Era uma pirambeira, era uma descida, Celso, eu me lembro como se fosse hoje: Rua Verão, nº 10. Era uma pirambeira que, quando chovia, eu tinha que arregaçar as calças. Comprei uma galocha, colocava a galocha no pé até chegar no asfalto, chegava no asfalto e tirava a galocha, embrulhava no jornal, entrava no ônibus, levava para a fábrica, lavava a galocha. De noite, vinha com a galocha embrulhada, descia na padaria, colocava a galocha, enchia ela de barro outra vez, chegava em casa e lavava a

galocha para estar pronta para o dia seguinte.

Quando foi um dia, comprei um fusquinha. Eu descobri que, quando chovia, eu só olhava o fusquinha e não podia subir a rua, porque era uma pirambeira de barro vermelho. Eu me lembro que na eleição de 1972, um deputado, lá em São Paulo, foi na Rua Verão e colocaram guia e sarjeta – eu não sei se vocês chamam guia e sarjeta aqui no Rio de Janeiro. Todos nós ficamos felizes, era perto das eleições, guia e sarjeta espalhadas na rua, e aqueles caminhões derrubando. Aqui vocês chamam de meio-fio, lá era guia e sarjeta. Eu fiquei feliz, os moradores todos: agora vai ter meio-fio aqui, nós não vamos sujar mais o sapato e eu vou aposentar a minha galocha. Qual foi a minha surpresa quando, passadas as eleições, os desgramados levaram embora os meio-fios e eu continuei amassando barro.

Eu estou contando esta história para dizer para vocês que eu sei que toda mulher e todo homem, todo trabalhador brasileiro carrega três sonhos na vida, que são a marca registrada de cada homem e de cada mulher. Um deles é ter uma casa própria, como se fosse um passarinho: nós sabemos que tem muitos ninhos por aí, mas nós queremos o nosso ninho. Nenhum passarinho põe ninho no ninho do outro, a não ser o chupim, que derruba o ovo do tico-tico e coloca o ovo no lugar, para o tico-tico criar o chupim.

Mas todo ser humano honesto e trabalhador, que não é chupim, quer o que é dele, quer o ninho dele, quer saber que vai morar num lugar em que os filhos dele vão ter os amigos, em que vai ter escola, em que vai ter uma série de coisas. A família vai construir amizade e ele vai viver tranquilo. O segundo sonho é ter emprego. Se você tiver os dois juntos, a casa e o emprego, aí Deus está te abençoando duas vezes. Mas, se além de ter a casa e o emprego, a gente puder colocar o filho numa faculdade, aí Deus está olhando a gente três vezes e amando a gente três vezes. É esse o sonho que eu tenho para construir este País.

Quando eu venho em um condomínio, mesmo um condomínio humilde, porque não é um apartamento de 600 metros, é de 42 metros, eu vejo uma condição extraordinária para que as crianças possam brincar, para a dona-de-casa, quando estiver dentro de casa, saber que o filho está fora de casa, está num condomínio, um condomínio humilde, mas é o primeiro sinal de dignidade e cidadania que o povo pobre deste País está conquistando.

Eu fico feliz, sabe por quê? Porque vocês vão pagar aluguel, 224 reais, eu vi, no meu discurso, que era de 173 a 224 reais. Algumas pessoas vão pagar, aqui, no que é seu, menos do que pagavam no que não era delas e, às vezes, em péssimo lugar, num lugar muito pior do que este, sem a tranqüilidade que este aqui vai dar para vocês. Fico feliz por saber que vocês vão pagar isso e, daqui a algum tempo, vocês poderão decidir: isso aqui vai ser meu. Se um trabalhador recebeu uma indenização, ele fala: “bom, eu não quero mais pagar a prestação. Eu vou pagar”. Depois de cinco anos, ele pode quitar o seu apartamento. Quando a gente quita e quando o homem é companheiro de verdade da mulher, ele pensa assim: “se eu morrer, a minha mulher e os meus filhos estarão garantidos, não vão ficar desabrigados”.

Daí porque a minha alegria de estar aqui, de dar os parabéns à companheira Maria Fernanda, ao companheiro Marcio Fortes. Esse Programa PAR não é do nosso governo, esse programa vem do governo passado. Nós consideramos o Programa extraordinário, resolvemos mantê-lo e aprimorá-lo, para que a gente pudesse construir mais casas.

Os empresários que construíram este Conjunto certamente estão aqui. Eles sabem que, nesses últimos quatro anos, nós fizemos um investimento na construção civil como poucas vezes foi feito neste País. O que é importante é que nós pagamos em dia e quando chega no final do ano, nós fechamos a nossa conta. Eu aprendi, embora sendo filho de mulher muito pobre, com oito filhos, que a gente só conquista o direito de andar com a cabeça erguida quando a gente cumpre com as nossas obrigações. E o Estado brasileiro fazer contrato com empresários e pagar em dia dá ao Estado brasileiro a condição de cobrar também que a obra seja executada no tempo e no prazo determinado. Quando o Estado não paga, o empresário não faz e o prejudicado é o povo, que não recebe. Eles sabem disso.

Para estes próximos quatro anos nós vamos ter, Governador, 146 bilhões de reais para investir em habitação, urbanização de favelas e saneamento básico. É o maior investimento que já se pensou em fazer neste País, para que a gente resolva três problemas crônicos: o da casa própria, o de melhorar as condições de vida das pessoas que moram em favelas e o de saneamento básico, porque quando não tem coleta de esgoto, as crianças

pisam em esgoto a céu aberto, a doença logo chega e tudo fica muito mais difícil.

Portanto, meus parabéns àqueles que vão receber a casa. Que Deus permita que vocês tenham saúde, que vocês possam trabalhar e que vocês possam aqui, neste conjunto habitacional, cuidar da família de vocês com o carinho e com o sonho que vocês sempre sonharam. Que Deus abençoe todos vocês. Podem ficar certos de que nós vamos inaugurar muitos conjuntos destes pelo Brasil, porque o sonho que eu tive quando comprei a minha primeira casinha, na Rua Verão, no Parque Bristol, é um sonho que eu quero que cada homem, que cada mulher deste País tenha para construir o seu próprio ninho.

Muito obrigado, gente!

Um aviso importante para vocês, que eu pensei que tinha dado e não dei, é o seguinte: quando as pessoas adquirem uma casa, elas ficam com medo da prestação. Eu quero dizer para vocês que a prestação, o reajuste anual é uma taxa chamada TR, Taxa Referencial. Isso vai dar, hoje, por volta de 3% ao ano, que vai ser o reajuste da prestação quando tiver que reajustar. Eu estava dizendo que o reajuste da prestação vai ser mais barato do que um maço de cigarro. Eu esqueci de dar essa informação, e eu quero dar para ninguém ficar preocupado com quanto vai vir de aumento. O aumento vai ser a TR, que hoje está muito baixa e, se Deus quiser, vai baixar um pouco mais.

Obrigado.